

ESTUDO DAS VARIANTES DA CARTA XI, À MR. BERTRAND B. D'A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES

Maria Helena Carvalho da Silva.

Sobre a nudez forte da verdade

O manto diáfano da fantasia.

- Eça de Queirós.

A Crítica Textual Moderna desenvolve técnicas de reconhecimento dos sinais de autorização, verifica seu grau de autenticidade com a intenção de estabelecer o texto original perdido. Com essa finalidade é feita uma abordagem crítico-textual em uma das obras do espólio de Eça de Queirós, *A Correspondência de Fradique Mendes*, tornando transparente o complexo momento da gênese da obra de um escritor perfeccionista. N' *A Correspondência de Fradique Mendes* observam-se problemas editoriais no momento da composição da obra impressa.

Para esse epistolário Eça de Queirós cria *Fradique Mendes*, personagem imaginário marcante do seu percurso existencial. Fradique adquire vida, enche-se de poderes com a intenção de despertar a sociedade portuguesa. Nos testemunhos, as cartas não obedecem a critérios cronológicos, nem temáticos, apresentam alterações ocorridas ao longo das edições e a incerteza do perfilhamento dos documentos, trazendo implícito todo cenário ideológico e cultural de um escritor irônico, insatisfeito com a civilização de seu tempo.

Sob a luz da Crítica Textual Moderna com sua prática e teoria voltadas para a edição de textos modernos, utilizam-se métodos para a restituição da forma genuína da Carta XI, A MR. BERTRAND B., resgatando um texto fidedigno, representando o ânimo do autor. Na epístola analisada ocorrem divergências tipográficas que podem comprometer o padrão estilístico de Eça de Queirós. Sintetizando as tarefas da crítica textual, cita-se Nardelli (2005): [...] *desse conjunto heterogêneo de atividades, que se constituem técnicas, se sedimentaram práticas, se consolidaram métodos [...], se formam polêmicas*, cabendo ao crítico textual solucionar os entraves surgidos durante a reconstituição de uma obra literária. E de acordo com a ecdótica, preparar a edição crítica, segundo a obra em estudo, a partir da *Vulgata de 1900*, por não se ter acesso neste trabalho aos manuscritos autógrafos.. Após o trabalho de recensão, inicia-se a colação identificando os pontos críticos, fixando essas variações entre os testemunhos em aparato crítico, registro em nota de rodapé. Essas variantes são de transmissão e não pertencem à lavra de Eça de Queirós.

CrITÉRIOS de preparação do texto crítico e do aparato.

Para a realização deste trabalho crítico d'A *Correspondência de Fradique Mendes*, carta XI, A MR. BERTRAND B., optou-se por seguir as normas de preparação adotadas pela *Equipa Eça de Queirós*, coordenada pelo Professor Dr. Carlos Reis, de acordo com o projeto da edição crítica das obras de Eça de Queirós. Contudo, foi utilizado como texto de base a vulgata, a 1ª edição de 1900. Também foram cotejados a 2ª edição de 1902; a edição atualizada de acordo com a 1ª edição de 1900; a edição de 1952 e o exemplar da coleção Livros de Bolso, s/d.

A partir do cotejo, é formado o aparato crítico em que são registradas as variantes textuais presentes nos testemunhos usados na fixação do texto crítico. É escolhido o aparato crítico em nota de rodapé, do tipo negativo.

Os critérios para a fixação do texto crítico e para a elaboração do aparato crítico são:

- A ortografia é atualizada conservando-se o texto da edição de 1900 como base para este exercício de edição;
- As opções tipográficas são conservadas;
- Os encontros vocálicos que a ortografia de 1900 representava por meio de apóstrofo – *d'um*, *d'uma* etc. são substituídos, nos casos hoje aceitos, pelas formas contraídas *dum*, *duma*, etc.
- Os estrangeirismos mantêm a forma que se apresentam na obra de Eça de Queirós;
- Os caracteres maiúsculos são mantidos, pois refletem uma relevância especial e pessoal da estilística do autor;
- A pontuação é respeitada, mesmo havendo problemas com as vírgulas, que, em algumas passagens do texto, são substituídas por [–] travessão e, até mesmo, por [.] ponto.
- Para a falta da paragrafação assinala-se com o código [/]. É comum na época, marcar o parágrafo com um hífen.

No aparato crítico da carta XI d'A *Correspondência de Fradique Mendes* aparecem as variantes da tradição relativas às alterações tipográficas. Neste caso são reproduzidas a palavra ou apenas palavras afetadas: “Estrada de Ferro da Palestina”] estrada de ferro da Palestina; as palavras com maiúscula que passam a minúsculas; a pontuação [.] e algum outro ponto crítico que venha comprometer a autenticidade do texto.

II – TEXTO CRÍTICO E APARATO

A MR. BERTRAND B.
*Engenheiro da Palestina*¹

Paris, abril.²

*Meu caro Bertrand*³ –⁴ Muito ironicamente, hoje, neste Domingo de Páscoa⁵ em que os céus contengtes se revestiram pascoalmente duma casula⁶ d’ouro⁷ e d’azul⁸, e os lisases novos perfumam o meu jardim para o santificar, me chega a tua horrenda carta, contando que findaste o traçado do *Caminho de Ferro de Jafa a Jerusalém!*⁹ E triunfas! Decerto, à porta de Damasco, com as botas fortes enterradas no pó de Josafat¹⁰, o guarda-sol pousado sobre uma pedra tumular de profeta, o lápis ainda errante sobre o papel, sorris, todo te dilatas, e através das lunetas defumadas contemplas, marcada por bandeirinhas, a “linha” onde em breve, fumegando e guinchando, rolará da velha Jepo para¹¹ a velha Sião o negro¹² comboio da tua negra obra!

Em redor os empreiteiros,¹³ limpando o grosso suor da façanha, desenvolvem as garrafas de cerveja festiva! E por trás de vós o Progresso¹⁴, hirtro contra as muralhas de Herodes, todo engonçado, todo aparafusado, também triunfa, esfregando, com estalidos ásperos, as suas rígidas mãos de ferro fundido.

Bem o sinto, bem o compreendo o teu¹⁵ escandaloso traçado, ó filho dileto e fatal da Escola de Pontes e Calçadas! Nem necessitava esse plano com que me deslumbras, todo em linhas escarlates, parecendo golpes duma faca¹⁶ vil por cima duma carne¹⁷ nobre. É em Jafa, na antiqüíssima Jepo, já heróica e santa antes do Dilúvio¹⁸, que a tua primeira Estação¹⁹ com os alpendres, e a carvoeira, e as balanças, e a sineta, e o chefe de boné agaloado, se ergue entre esses laranjais, gabados pelo Evangelho, onde S. Pedro, correndo aos brados das mulheres, ressuscitou Dorcas, a boa tecedeira, ea ajudou a sair de seu sepulcro. Daí a locomotiva, com a sua 1ª classe²⁰ forrada de chita, rola descaradamente pela planície de Saaron, tão amada do céu, que, mesmo sobre o bruto pisar das hordas filistinas, nunca nela murchavam anêmonas e rosas. Corta através de Beth-Dagon, e mistura²¹ o pó do seu carvão de Cardiff ao vetusto²² pó do Templo de Baal, que Sansão, mudo e repassado de tristeza, derrocou movendo os ombros. Corre

¹ *Engenheiro da Palestina*] D: (Engenheiro da Palestina)

² Paris, abril] B: Paris, Abril; C: Paris, Abril; D: Paris, Abril

³ *Meu caro Bertrand.*] B: Meu caro Bertrand; D: Meu caro Bertrand

⁴ *Meu caro Bertrand.* – Muito] B: [/] D: [/]

⁵ Domingo de Páscoa] C: domingo de Páscoa

⁶ duma casula] B: de uma casula; D: de uma casula

⁷ d’ouro] B: de ouro; C: de ouro; D: de ouro

⁸ d’azul] B: de azul; C: de azul; D: de azul

⁹ *Caminho de Ferro de Jafa a Jerusalém!*] B: caminho de ferro de Jafa a Jerusalém!; C: caminho-de-ferro de Jafa a Jerusalém!; D: caminho-de-ferro de Jafa a Jerusalém!

¹⁰ Josafat] C: Josafate

¹¹ velha Jepo para] C: velha Jepo, para

¹² velha Sião o negro] C: velha Sião, o negro

¹³ Empreiteiros, limpando] C: empreiteiros. limpando

¹⁴ Progresso] B: progresso; C: progresso

¹⁵ Compreendo o teu] D: compreendo, o teu

¹⁶ Duma faca] B: de uma faca; D: de uma faca

¹⁷ Duma carne] B: de uma carne; D: de uma carne

¹⁸ Dilúvio] C: dilúvio

¹⁹ Estação] B: estação; C: estação

²⁰ 1ª classe] B: primeira classe; D: primeira classe

²¹ Beth-Dagon, e mistura] D: Beth-Dagon e mistura

²² Cardiff ao vetusto] C: Cardife, ao vetusto

por sobre Lida, e atoa com guinchos o grande S. Jorge, que ainda couraçado, emplumado, e o guante sobre a espada, ali dorme o seu sono terrestre. Toma água, por um tubo de couro, do Poço Santo²³ donde a Virgem na fugida para o Egito, repousando sob o figueiral, deu de beber ao Menino. Pára em Ramleh, que é a velha Arimatéia (*Arimatéia, quinze minutos de demora!*)²⁴, a aldeia dos doces hortos e do homem doce que enterrou o Senhor. Fura, por túneis fumarentos, as colinas de Judá, onde choraram os profetas. Rompe por entre ruínas que foram a cidadela e depois a sepultura dos Macabeus. Galga, numa ponte de ferro, a torrente em que David errante²⁵ escolhia pedras a sua funda derrubadora de monstros. Coleia e arqueja pelo vale melancólico que habitou Jeremias. Suja ainda Emaus, vara o Cedron, e estaca, enfim, suada, azeitada, sórdida de felugem, no vale de Hennan, no *terminus*²⁶ de Jerusalém!

Ora, meu bom Bertrand, eu que²⁷ não sou das Pontes e Calçadas, nem acionista da *Companhia dos Caminhos de Ferro da Palestina*²⁸, apenas um peregrino saudoso d'esses lugares adoráveis, considero que a tua obra de civilização é uma obra de profanação. Bem sei, engenheiro! S. Pedro ressuscitando a velha Dorcas; a florescência miraculosa das roseiras de Saaron; o Menino bebendo, na fuga para o Egito, à sombra das árvores que os anjos iam adiante semeando, – são fábulas... Mas são fábulas que há dois mil anos dão encanto, esperança, abrigo consolador, e energia para viver a um terço da Humanidade²⁹. Os lugares onde se passaram essas histórias, decerto muito simples e muito humanas, que depois, pela necessidade que a alma tem do Divino³⁰, se transformaram na Tão linda mitologia cristã, são por isso veneráveis. Neles viveram, combateram, ensinaram, padeceram, desde Jacob até S. Paulo, todos os seres excepcionais que hoje povoam o céu. Jeová só entre esses montes se mostrava, com terrífico esplendor, no tempo em que visitava os homens. Jesus desceu a esses vales pensativos para renovar o mundo. Sempre a Palestina foi a residência preferida da Divindade! Nada de Material³¹ devia pois³² desmanchar o seu recolhimento Espiritual³³. E é penoso que a fumaça do Progresso³⁴ suje um ar que conserva o perfume da passagem dos anjos, e que³⁵ os seus trilhos de ferro revolvam o solo onde ainda não se apagaram as pegadas divinas.

Tu sorris, e acusas³⁶ precisamente a velha Palestina de ser uma incorrigível fonte de Ilusão³⁷. Mas a ilusão, meu Bertrand amigo³⁸, é tão útil como a certeza: e na formação de todo o espírito, para que ele seja completo, devem entrar tanto os Contos de Fadas³⁹ como⁴⁰ os Problemas de Euclides⁴¹. Destruir a influência religiosa e poética da Terra Santa, tanto nos corações simples como nas inteligências cultas, é um retrocesso na Civilização⁴², na verdadeira, naquela de que tu não és obreiro, e que⁴³ tem

²³ Poço Santo] B: poço santo; D: poço santo

²⁴ *Arimatéia, quinze minutos de demora!*] D: (Arimatéia, quinze minutos de demora!)

²⁵ David errante] C: David, errante

²⁶ *terminus*] B: término; D: término

²⁷ Bertrand, eu que] D: Bertrand, eu, que

²⁸ *Companhia dos Caminhos de Ferro da Palestina*] B: Companhia dos Caminhos de Ferro da Palestina; D: Companhia dos Caminhos de Ferro da Palestina

²⁹ Humanidade] B: humanidade; D: humanidade

³⁰ Divino] B: divino; D: divino

³¹ Material] B: material

³² devia pois] C: devia, pois,

³³ Espiritual] B: espiritual; D: espiritual

³⁴ Progresso] B: progresso

³⁵ anjos, e que] D: anjos e que

³⁶ sorris, e acusas] D: sorris e acusas

³⁷ Ilusão] D: ilusão

³⁸ Bertrand amigo] C: Bertrand, amigo

³⁹ Contos de Fadas] B: contos de fadas; D: contos de fadas

⁴⁰ Fadas como] C: Fadas, como

⁴¹ Problemas de Euclides] B: problemas de Euclides; D: problemas de Euclides

⁴² Civilização] B: civilização; D: civilização

⁴³ obreiro, e que] D: obreiro e que

por melhor esforço aperfeiçoar a Alma⁴⁴ do que reforçar o Corpo⁴⁵, e, mesmo pelo lado da utilidade, considera um Sentimento⁴⁶ mais útil do que uma Máquina⁴⁷. Ora, locomotivas manobrando pela Judéia e Galiléia, com a sua materialidade de carvão e ferro, o seu desenvolvimento inevitável de hotéis, ônibus, bilhares e bicos de gás, destroem irremediavelmente o poder emotivo da Terra-dos-Milagres⁴⁸, porque a modernizam, a industrializam, a banalizam...

Esse poder, essa influência espiritual da Palestina, de que provinha? Dela se ter conservado, através destes quatro mil anos, imutavelmente *bíblica e evangélica*...⁴⁹ Decerto sobrevieram mudanças em Israel; a administração turca tem menos esplendor que a administração romana; dos vergeis e jardins que cercavam Jerusalém só resta⁵⁰ penhasco e ortiga; as cidades, esboroadas, perderam o seu heroísmo de cidadelas; o vinho é raro; todo o saber se apagou; e não duvido que aqui e além, em São, nalgum terraço de mercador levantino, se assobie ao luar a valsa de *Madame Angot*⁵¹.

Mas a vida íntima, na sua forma rural, urbana, ou nômade, as maneiras, os costumes, os cerimoniais, os trajes, os utensílios, – tudo permanece como nos tempos de Abraão e nos Tempos de Jesus. Entrar na Palestina é penetrar numa Bíblia viva. As tendas de pele de cabra plantadas à sombra dos sicômoros; o pastor apoiado à sua alta lança, seguido do seu rebanho; as mulheres veladas de amarelo ou branco, cantando, a caminho da fonte, com o seu cântaro no ombro; o montanhês atirando a funda as águias; os velhos sentados, pela frescura⁵² da tarde, à porta das vilas muradas; os claros terraços cheios de pombas; o escriba que passa, com o seu tinteiro dependurado da cinta; as servas moendo o grão; o homem de longos cabelos nazarenos que nos saúda com a palavra de *paz*⁵³ e que conversa conosco por parábolas; a hospedeira que nos acolhe, atirando, para passarmos, um tapete ante o limiar de sua morada; e ainda as procissões nupciais e as danças lentas do rufe-rufe das pandeiretas, e as carpideiras em torno aos sepulcros caiados, – tudo transporta o peregrino à velha Judéia das Escrituras, e de um modo tão presente e real, que a cada momento duvidamos se aquela ligeira e morena mulher, com largas argolas d'ouro⁵⁴ e um aroma de sândalo, que conduz um cordeiro preso pela ponta do manto, não será ainda Raquel, ou se, entre os homens sentados além, à sombra da figueira e da vinha, aquele de curta barba frisada, que ergue o braço, não será Jesus ensinando.

Esta sensação, preciosa para o crente, é preciosa para o intelectual, porque o põe numa comunhão flagrante com⁵⁵ um dos mais maravilhosos momentos da História Humana⁵⁶. Decerto seria igualmente interessante (mais interessante talvez) que se pudesse colher a mesma emoção na Grécia, e que aí encontrássemos ainda nos seus trajes, nas suas maneiras, na sua sociabilidade, a grande Atenas de Péricles. Infelizmente, essa Atenas incomparável jaz morta, para sempre soterrada, desfeita em pó, sob a Atenas romana, e a Atenas bizantina, e a Atenas bárbara, e a Atenas muçulmana, e a Atenas constitucional e sórdida. Por toda a parte o velho cenário da história está assim esfrangalhado e em ruínas. Os próprios montes perderam, ao que parece, a configuração clássica: e ninguém pode achar no Lácio o rio⁵⁷ e o fresco vale

⁴⁴ Alma] B: alma; D: alma

⁴⁵ Corpo] B: corpo; D: corpo

⁴⁶ Sentimento] B: sentimento; D: sentimento

⁴⁷ Máquina] B: máquina; D: máquina

⁴⁸ Terra-dos-Milagres] B: Terra dos Milagres; C: Terra dos Milagres; D: Terra dos Milagres

⁴⁹ *bíblica e evangélica*...] B: "bíblica e evangélica"; D: "bíblica e evangélica"

⁵⁰ Jerusalém só resta] C: Jerusalém, só resta

⁵¹ valsa de *Madame Angot*] B: "valsas de Madame Angot"; D: valsa de Madame Angot

⁵² sentados, pela frescura] A: sentados pela frescura

⁵³ De *paz*] B: a paz; D: de paz

⁵⁴ argolas d'ouro] B: argolas de ouro; C: argolas de ouro; D: argolas de ouro

⁵⁵ flagrante com] C: flagrante, com

⁵⁶ História Humana] B: história humana; D: história humana

⁵⁷ achar no Lácio o rio] B: achar, no Lácio, o rio; C: achar, no Lácio, o rio; D: achar, no Lácio, o rio

que Virgílio habitou e tão virgilianamente⁵⁸ cantou. Um único sítio na terra⁵⁹ permanecia ainda com os aspectos, os costumes, com que o tinham visto, e de que tinham partilhado, os homens que deram ao mundo uma das suas mais altas transformações: – e esse sítio era um pedaço da Judéia, da Samária e da Galiléia. Se ele for grosseiramente modernizado, nivelado ao protótipo social, querido do século, que é o distrito de Liverpool⁶⁰ ou o departamento de Marselha, e se assim desaparecer para sempre a oportunidade educadora de *ver* uma grande imagem do Passado⁶¹, que profanação, que devastação bruta e bárbara! E por perder essa forma sobrevivente das civilizações antigas, o tesouro do nosso saber e da nossa inspiração fica irreparavelmente diminuído.

Ninguém mais do que eu, decerto, aprecia e venera um caminho de ferro, meu Bertrand; – e ser-me-ia penoso ter de viajar de Paris a Bordeus, como Jesus subia do vale de Jericó para Jerusalém, escarranchado num burro. As coisas mais úteis, porém, são importunas, e mesmo escandalosas, quando invadem grosseiramente lugares que lhe não são congêneres. Nada mais necessário na vida do que um restaurante: e todavia ninguém, por mais descrente ou irreverente, desejaria que se instalasse um restaurante com suas mesas, o seu tinir de pratos, o seu cheiro e guisados, – nas naves de Notre Dame ou na velha Sé de Coimbra. Um caminho de ferro⁶² é obra louvável entre Paris e Bordeus. Entre Jericó e Jerusalém basta a água ligeira que se aluga por dois dracmas, e a tenda⁶³ de lona que se planta a tarde entre os palmares, a beira de uma água clara, e onde se dorme tão santamente sob a paz radiante das estrelas da Síria.

E são justamente essa tenda, e o camelo grave que carrega os fardos, e a escolta flamejante de beduínos, e os pedaços de deserto onde se galopa com a alma cheia de liberdade, e o lírio de Salomão que se colhe nas fendas d'uma⁶⁴ ruína sagrada, e as lembranças do Passado⁶⁵ a noite em torno à fogueira do acampamento, que fazem o encanto da jornada, e atraem o homem de gosto que ama as emoções delicadas de Natureza, História e Arte⁶⁶. Quando de Jerusalém se partir para a Galiléia num vagão estridente e cheio de pó, talvez ninguém empreenda a peregrinação magnífica – a não ser o destro *commis-voyageur* que vai vender pelos bazares chitas de Manchester ou panos vermelhos de Sedan. O teu negro comboio rolará vazio. Que pura alegria essa para todos os entendimentos cultos – que não sejam acionistas dos *Caminhos de Ferro da Palestina!*...⁶⁷

Mas sossega, Bertrand, engenheiro e acionista! Os homens, mesmo o que melhor servem o Ideal, nunca resistem às tentações sensualistas do Progresso⁶⁸. Se dum lado⁶⁹, a saída de Jafa, a própria caravana da Rainha de Sabá⁷⁰, com os seus elefantes e onagros, e estandartes, e liras, e os arautos coroados de anêmonas, e todos os fardos abarrotados de pedrarias e bálsamos, infundável em poesia e lenda, se oferecesse ao homem do século XIX para o conduzir lentamente a Jerusalém e a Salomão – e do outro lado um comboio, silvando, de portinholas abertas, lhe promettesse a mesma jornada, sem soalheiras nem solavancos, a vinte quilômetros por hora, com bilhete d'ida⁷¹ e volta, esse homem, por mais intelectual, por mais eruditamente artista, agarraria a sua

⁵⁸ Virgilianamente] D: virnilianamente

⁵⁹ sítio na terra] B: sítio na Terra; D: sítio na Terra

⁶⁰ Liverpool] D: Liverpul

⁶¹ Passado] B: passado; D: passado

⁶² Um caminho de ferro] D: um caminho-de-ferro

⁶³ dracmas, e a tenda] D: dracmas e a tenda

⁶⁴ duma ruína] B: de uma ruína; D: de uma ruína

⁶⁵ Passado] D: passado

⁶⁶ Natureza, História e Arte] D: natureza, história e arte.

⁶⁷ *Caminhos de Ferro da Palestina!*...] B: Caminhos de Ferro da Palestina!...] D: Caminhos-de-Ferro da Palestina!...

⁶⁸ Progresso] B: progresso; D: progresso

⁶⁹ dum lado] B: de um lado; D: de um lado

⁷⁰ Rainha de Sabá] B: rainha de Sabá; D: rainha de Sabá

⁷¹ d'ida] B: de ida

chapeleira e enfiaria sofregamente para o vagão, onde pudesse descalçar as botas, dormir de ventre estendido.

Por isso a tua maligna prosperará pela própria virtude da sua malignidade. E, dentro de poucos anos, o ocidental positivo que de manhã partir da velha Japo, no seu vagão de 1ª classe⁷² e comprar na estação de Gaza a *Gazeta Liberal do Sinai*⁷³, e jantar divertidamente em Ramleh no *Grand-Hotel dos Macabeus*⁷⁴ – irá, à noite, em Jerusalém, através da *Via Dolorosa*⁷⁵ iluminada pela eletricidade, beber um bock e bater três carambolas no *Casino do Santo Sepulcro*⁷⁶!

Será este o teu feito – e o fim da lenda cristã.

Adeus, monstro! –⁷⁷ FRADIQUE.⁷⁸

III- CONCLUSÃO

O estudo realizado procurou mostrar a importância de se preservar um patrimônio cultural literário com os métodos desenvolvidos pela *Crítica Textual Moderna* na obra de Eça de Queirós, *A Correspondência de Fradique Mendes: memórias e notas*, precisamente na *Carta XI, A MR. BERTRAND B.*, com a finalidade de se apurar o texto, do estudo da sua transmissão e da sua gênese, buscando também minimizar os entraves que, porventura, surgiram entre o leitor moderno e o texto de determinada época e, com cientificidade, contribuir para preparação da edição crítica da obra semipóstuma, *A Correspondência de Fradique Mendes*, confirmando o estilo de Eça de Queirós, para que se edite com seriedade um grande contributo, salvaguardando a integridade do Espólio Queirosiano.

Lembramos que a edição crítica de *A Correspondência de Fradique Mendes* está sendo preparada pelo Prof. Carlos Reis, coordenador da *Equipa Eça de Queirós*.

IV- BIBLIOGRAFIA

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CASTRO, Ivo. *Enquanto os escritores escrevem...(Situação da crítica textual moderna)*. Conferência plenária, IX Congresso da ALFAL, Campinas, Mimeo, 65p. 1990.

GUERRA DA CAL, Ernesto. *Língua e Estilo de Eça de Queirós*. Rio de Janeiro: Biblioteca tempo universitário, 1969.

REIS, Carlos/ MILHEIRO, Maria do Rosário. *A Construção da Narrativa Queirosiana*. O espólio de Eça de Queirós. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

SPAGGIARE, Barbara/ PERUGI, Mauricio. *Fundamentos de Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

⁷² 1ª classe] B: primeira classe; D: primeira classe

⁷³ *Gazeta Liberal do Sinai*] B: “Gazeta Liberal do Sinai”; C: “Gazeta Liberal do Sinai”

⁷⁴ *Grand-Hotel dos Macabeus*] B: Grande Hotel dos Macabeus; D: Grande Hotel dos Macabeus

⁷⁵ *Via Dolorosa*] B: Via Dolorosa; D: Via Dolorosa

⁷⁶ *Casino do Santo Sepulcro*] B: Casino do Santo Sepulcro; D: Casino do Santo Sepulcro

⁷⁷ Adeus, monstro! – FRADIQUE] B: [/]; D: [/]

⁷⁸ FRADIQUE] B: Fradique; D: Fradique.

Internet:

CHARTIER, Roger. A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas. In:
<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/140.pdf> (versão em html)

BIBLIOTECA NACIONAL: Fradique Mendes
<http://www.bn.pt/agenda/fradique/site/index.html>